

Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante

Cicilia Maria Krohling Peruzzo

Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora visitante do PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade do Espírito Santo.

E-mail: kperuzzo@uol.com.br

Ingrid Gomes Bassi

Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, professora da UNIFESSPA e da PPGE/UFT.

E-mail: ingrid.bassi@unifesspa.edu.br

Carlos Humberto Ferreira Silva Junior

Doutorando em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: carlos.jr@unesp

Resumo: Este artigo objetiva discutir a questão do diálogo em Freire como base do processo de comunicação e, em interação com outros autores, relacioná-lo às interrelações entre Comunicação e Educação, em especial na Comunicação Popular e Comunitária no contexto dos movimentos sociais cívicos e na pesquisa participante. O estudo se fundamenta em pesquisa bibliográfica e documental. Conclui-se que as relações entre Comunicação e Educação facilitam a constituição do diálogo, tanto nos ambientes da educação formal quanto no contexto dos movimentos sociais populares brasileiros que, desde o fim da década de 1970, vivenciam o diálogo, tanto na construção coletiva das suas formas de organização e mobilização quanto na formulação das estratégias e táticas desenvolvidas, tendo em vista as lutas denunciativas da opressão e reivindicativas de direitos.

Abstract: This study aims to discuss dialogue in Freire as the basis of the communication process and, in interaction with other authors, relate it to the interrelations between communication and education, especially in popular and community communication in the context of social movements and participatory research. This study is based on bibliographical and documentary research. We found that the relation between communication and education facilitates the constitution of dialogue both in formal education environments and in the context of popular Brazilian social movements which have, since the late 1970s, practiced dialogue by collectively constructing their forms of organization and mobilization and formulating strategies and tactics within the struggles to denounce oppression and claiming rights.

Recebido: 26/11/2021

Aprovado: 21/07/2022

O diálogo é uma questão transcendental e indissociável às práticas educativas que pode ser entendida como ação-reflexão que valoriza a participação dos sujeitos – como sujeitos – na construção do conhecimento.

Palavras-chave: diálogo; Paulo Freire; comunicação e educação; comunicação popular e comunitária; movimentos sociais.

Dialogue is a transcendental issue and inseparable from educational practices. We may understand dialogue as action-reflection which values participation of subjects as subjects in the construction of knowledge.

Keywords: dialogue; Paulo Freire; communication and education; popular and community communication; social movements.

1. INTRODUÇÃO

Em 2021, foram comemorados os 100 anos de nascimento de Paulo Reglus Neves Freire, brasileiro ilustre nascido em Recife, Pernambuco, cujas ideias percorreram o mundo. Como mostra Veiga¹, existem centros de pesquisa com seu nome na Finlândia, África do Sul, Áustria, Alemanha, Holanda, Portugal, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá. Ele recebeu 48 títulos de doutor *honoris causa* e outras honrarias prestados por universidades e diversas organizações brasileiras e estrangeiras, e sua obra *Pedagogia do Oprimido* é a terceira mais citada em trabalhos de Ciências Humanas no mundo, segundo estudo de Elliott Green feito no Google Scholar em 2016².

Cabe ressaltar que sua proposta de educação para a liberdade³, na linha da pedagogia do oprimido, não se limitou ao universo da educação formal, mas foi apropriada por atores sociais e amplamente aplicada nos espaços da educação informal e não formal no nível popular. Como educador, ele não tratou especificamente do campo da Comunicação, mas, ao enxergar a comunicação na base do diálogo e das relações educador-educando, deixou marcos importantes a essa área do conhecimento.

Paulo Freire é o patrono da Educação Brasileira, reconhecimento que figuras do extremismo político conservador recentemente tentou desqualificar e apagar, mas sem sucesso. No entanto, em meio às controversas recentes no Brasil, em especial, nos últimos quatro anos, no contexto do negacionismo das ideias humanistas, há uma retomada do interesse pela obra de Freire em nível nacional e internacional, o que faz jus à sua contribuição e reconhecimento mundial.

Desse modo, além de haver uma volta à leitura de seus livros, sua contribuição teórico-filosófica no campo da Educação vem sendo lembrada como tema central de congressos, conferências, simpósios e até mesmo como temática de eventos específicos, como foi o caso do Paulo Freire Centennial (Centenário de Paulo Freire)⁴, ciclo de palestras realizado de 9 a 24 de março de 2021 e promovido pelo Instituto de Mídia e Indústrias Criativas da Universidade de Loughborough, em Londres, Inglaterra, com transmissão virtual. Entre os temas discutidos na ocasião, a partir dos princípios ontológicos de Freire – Diálogo,

1 VEIGA, Edison. Paulo Freire: como o legado do educador brasileiro é visto no exterior. *BBC News Brasil*, Bled, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46830942>. Acesso em: 20 abr. 2021.

2 PAULO FREIRE é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo. *Instituto Paulo Freire*, São Paulo, 8 jun. 2016. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/463-paulo-freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em: 20 maio 2021.

3 FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

4 Ver: <https://www.paulofreirecentennial.org/>.

Amor, Empatia, Esperança e Humildade –, escolhemos discutir o diálogo como motivação e ponto de partida para este artigo. O objetivo do texto é discutir a questão do diálogo em Freire como princípio basilar do processo de comunicação e, em interação com outros autores, relacioná-lo às interações entre Comunicação e Educação, em especial na Comunicação Popular e Comunitária no contexto dos movimentos sociais populares cívicos e na pesquisa participante.

Nesse sentido, a questão de pesquisa problematiza a relação das ideias de Paulo Freire com a mobilização social protagonizada por atores coletivos, na tentativa de valorizar o compromisso ético e dialógico da Comunicação como espaço e ação nas práticas assertivas para a Educação, como proposta de autonomia dos sujeitos envolvidos e diálogo como tecido constitutivo das intersecções entre esses campos do conhecimento.

Este texto se baseia em pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, portanto, a partir da literatura e em documentos audiovisuais do evento comemorativo ao centenário de Paulo Freire antes referido⁵, especialmente das conferências de Mayrá Lima, doutora em Ciências Políticas, ativista, jornalista e membra do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), do Brasil, e de Claudia Magallanes Blanco, doutora em Humanidades, pesquisadora mexicana da Universidad Iberoamericana Puebla, no México.

2. DIÁLOGO EM FREIRE: CAMINHO PARA O CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO

Durante o evento Paulo Freire Centennial, promovido pela Loughborough University London, em março de 2021, entre outros aspectos, Mayrá Lima⁶ adverte sobre a premência de pensarmos o diálogo como conceito e como método para um olhar social e solidário, em contraponto à tendência das relações sociais voltadas à individualização, concorrência, competição, e mesmo aniquilamento do outro, como partes do pensar das estruturas políticas do neoliberalismo e do mercado financeiro mundial. Ela provoca a revisitarmos as práticas de solidariedade, cidadania e participação, as quais identifica como problemáticas centrais para olharmos atualmente o impacto negativo da individualização dos processos sociais.

Nesse sentido, o sujeito autônomo e criativo, ao não estabelecer o diálogo com seus pares e os diferentes, tende ao esvaziamento e ao silêncio. Uma saída possível, do diálogo para a transformação social, é a capacidade dos grupos, estudos e vivências na área focar na educação formativa, ou seja, investir na política educadora da troca permanente com os grupos, em especial com as sugestões e descobertas transformadoras da própria práxis, ou seja, da ação acrescida da reflexão.

Em complemento, a pesquisadora Claudia Magallanes Blanco⁷ indica a “ação/reflexão” de Freire sobre a práxis e *na* práxis, como possibilidade de

5 Ver <https://www.paulofreirecentennial.org/>.

6 Em palestra proferida no dia 10 de março de 2021 no “Paulo Freire Centennial”, Loughborough University London, evento virtual. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/videos/>. Acesso em: 26 maio 2021.

7 Em palestra proferida no dia 10 de março de 2021 no “Paulo Freire Centennial”, Loughborough University London, evento virtual. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/videos/>. Acesso em: 26 maio 2021.

diálogo. Assim, o “[...] diálogo é um processo horizontal que ocorre em igualdade de condições, que não aspira à homogeneização”. Deste entendimento, Magallanes salienta a importância da “escola alternativa”, a exemplo das práticas da comunicação comunitária em que atuou em locais de Oaxaca em 2018, no México. Comenta que o ponto de partida é termos consciência do sistema mundo em que vivemos que é capitalista, patriarcal e colonial, para pensar as bases da ação dialógica pela transformação social. O papel da comunicação, nesse contexto de lutas sociais, é voltar-se aos outros, permitindo o diálogo “intergeracional” da própria práxis, experiências e ações que podem trazer à luz tradições, reinvenções e novas propostas de intercâmbio cultural.

Nessa perspectiva, compartilhamos da visão de que a comunicação popular e comunitária colabora nas dinâmicas dos movimentos sociais populares cívicos como parte intrínseca dos processos de conscientização sobre a realidade e de ação sobre ela. Ao se constituir nas relações sociais transformadoras, se valoriza o diálogo nas intersecções com a cultura local a partir da troca de conhecimento e potencialização do acesso às práticas de produção comunicativa de qualidade, aos locais e espaços de interação, praticando a autonomia dos atores sociais em detrimento do discurso colonizador.

Vale ressaltar que este diálogo não se trata de um processo isento de conflitos. O conflito, divergência entre dois ou mais sobre temas ou visões de mundo, é inerente à experiência humana e ao próprio desenvolvimento da sociedade. Como salientou Simmel⁸ em seus estudos, o conflito também é uma forma de socialização que existe socialmente, porém, ao apontar o diálogo como agregador, e não homogeneizador como já expressado, é necessário que o aspecto coletivo surja como meio e objetivo da ação reflexão, não se trata de apagar as diferenças, mas de construir semelhanças a partir destes diferentes locais de partida.

Para Paulo Freire, a presença da pessoa no mundo significa que ela está sendo *no mundo e com o mundo*, o que compreende um permanente “confrontar-se com o mundo” e, consecutivamente, um agir sobre ele.

Qualquer que seja, contudo, o nível em que se dá a ação do homem sobre o mundo, esta ação subentende uma teoria. Tal é que ocorre também com as formas mágicas da ação. Sendo assim, impõe-se que tenhamos uma clara e lúcida compreensão de nossa ação, que envolve uma teoria, quer o sabíamos ou não. Impõe-se que, em lugar da simples ‘doxa’ em torno da ação que desenvolvemos, alcancemos o ‘logos’ de nossa ação. Isso é tarefa específica da reflexão filosófica. Cabe esta reflexão incidir sobre a ação e desvelá-la em seus objetivos, em seus meios, em sua eficiência.⁹

É nesse processo que se dá a ação-reflexão de que fala Freire. Para ele¹⁰, o diálogo como fenômeno é a palavra, mas apenas a palavra verdadeira é transformadora. A palavra é mais do que um meio para que o diálogo se faça, pois há que se buscar os elementos que o constituem, quais sejam: “ação e reflexão”, em outros termos, é a práxis. A práxis é, então, para Freire “a palavra verdadeira” que significa ser capaz de transformar o mundo. “Existir,

8 SIMMEL, George; MOARES FILHO, Evaristo de (org.). *George Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

9 FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 39-40.

10 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. p. 107.

humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar*¹¹.

Freire complementa dizendo que:

não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. [...], ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.¹²

Assim sendo, podemos inferir que a dinâmica de conscientização e ação sobre a realidade se faz no coletivo. Ao dizer que ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, mas no diálogo com os outros, Paulo Freire está indicando um método de intervenção-ação, inicialmente pensado para a alfabetização de jovens e adultos, o que inclui sua proposta de identificação dos *temas geradores* como ponto de partida para a reflexão sobre o “mundo” no entorno dos atores do processo educativo. O *tema gerador* seria a base do diálogo e faz parte do método para intervenção social, e que, apesar de pensado no contexto da educação formal, tem sido apropriado pelos movimentos sociais. Estes se organizam a partir da consciência das condições concretas do viver que afetam determinados segmentos da população, e esta realidade é a base motivadora das articulações e das demandas que são refletidas e externadas.

Enquanto parte do método freireano, o diálogo “se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”, pois o processo dialógico:

não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito noutro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é discussão grosseira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua¹³.

Em outros termos, o processo de transformar a realidade opressora, que desloca o ser humano do seu lugar enquanto Ser, é no fundo um ato educativo comunicativo que se dá numa relação de respeito entre os comunicantes. Portanto, mudança não é algo isolado, mas construído conjuntamente, daí a importância da práxis dos movimentos sociais populares e cívicos que constroem dinâmicas educativas, especialmente, em conformidade com Gohn¹⁴, de educação informal e não formal.

No cerne desse processo conscientizador-formativo está a questão comunicação, afinal, a “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”¹⁵.

As relações entre Comunicação e Educação são constitutivas de ambos os processos, que se interconectam. Como explica Citelli¹⁶, no encontro da comunicação com a educação, extraídos, de um lado, os desvios tecnofuncionais e, de outro, as reduções operativas e reguladoras tão presentes em procedimentos estritamente transmissivos, pode acontecer segundo processos dialógicos que

11 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Op. cit., p. 108.

12 Ibidem. p. 109.

13 Idem. p. 109.

14 GOHN, Maria da Glória (org.). **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

15 FREIRE, Paulo. **Extensão...** Op. cit.

16 CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

desencadeiam as relações intersubjetivas e os jogos coenunciativos. “É deste encontro de sujeitos à busca da *significação do significado*, momento particular de ativação dos princípios de reciprocidade, ou retroalimentação, que os atos comunicativos ganham efetividade [...]”¹⁷.

Os movimentos sociais e comunidades desenvolvem seus processos de comunicação, denominados de comunicação popular, comunitária e alternativa, que quando se realizam inspirados nos princípios de educação de Paulo Freire. Assim, quando se constitui em relações dialógicas para um olhar crítico da realidade, e não como relação em que uns depositam os saberes e prescrições no outro, essa comunicação se realiza por meio de processo horizontal, favorecendo a educação informal e não formal, portanto, fora do ambiente da educação formal, embora também seja possível nesse âmbito. Nessa perspectiva, os conceitos e métodos são diferenciados daqueles embutidos nas perspectivas herdadas da educação tradicional grandemente impregnadas dos valores do colonialismo, patriarcalismo e eurocentrismo tradicionais.

Na perspectiva de transcender os valores colonizadores nas análises das pesquisadoras Mayrá Lima¹⁸ e Claudia Magallanes¹⁹, compreendemos o impacto do processo formativo, refletindo o ensino educacional formal, mas não só nele, no aprendizado a partir das representações de mundo dos interlocutores. Paulo Freire²⁰ já problematizava que o caminho possível para um diálogo com conscientização dos públicos deveria ser pensado e articulado junto às estratégias de comunicação advindas da autonomia educacional. Nesse sentido, Freire resgata o porquê de a educação ser a ponte para o livre pensar, ao trazer as experiências populares desse interlocutor como legítimas e valorosas no processo de ensino-aprendizagem. Diante dessa práxis – reflexão e ação mescladas –, visualizamos aquele antes oprimido ocupando sua consciência a respeito da sua condição de existência, do seu local de fala, dos seus direitos, de suas garantias, de seu valor entre tantas descobertas cidadãs do despertar da conscientização.

A Comunicação faz interface com a Educação, como método rico em diálogo. Esse método de se comunicar tendo como alicerce o dialógico propõe incluir os interlocutores como sujeitos ativos. Nesse sentido, há uma relação com o pensamento do filósofo Erich Fromm²¹ que em seus estudos sobre diálogo e amor problematiza o distanciamento do homem contemporâneo da sua autonomia interativa, ou seja, das suas interlocuções com os processos de ação e tomada de decisão, e, diante disso, Fromm lembra a existência na historiografia recente, em especial no campo da cultura ocidental, da potencialidade do “ser passivo” em detrimento do “ser ativo”.

No campo da Comunicação, os estudos de comunicação comunitária, popular e alternativa, ao investigar comunidades, organizações, movimentos sociais populares, entre outros atores, entende o “ser ativo” como aquele sujeito agente, capaz de apropriar-se das suas experiências e saberes como conhecimento importante. Nesse sentido, esses grupos são também ativos no processo de produção das comunicações, portanto, “audiência ativa”, são pauta, pautam e

17 Ibidem, p. 64.

18 TALK 1: dialogue. Paulo Freire Centennial, London, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/videos/>. Acesso em: 26 maio 2021.

19 TALK 1: dialogue. Paulo Freire Centennial, London, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/videos/>. Acesso em: 26 maio 2021.

20 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014b.

21 FROMM, Erick. **A revolução da esperança**: por uma tecnologia humanizada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977; DOWNING, John D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

executam, e, por muitas vezes, desafiam a história das suas próprias formações, conforme Downing²² e Peruzzo²³.

Quando Freire²⁴ contextualiza a competência de o ensino-aprendizagem apropriar-se do conhecimento singular de cada sujeito, é alocada a este a ação-reflexão ativa nos espaços de poder. Fromm²⁵ completa, apontando a condição ativa desses sujeitos, que ele chama de “ser”, no projeto de humanização da sociedade moderna, propondo que na convivência com a tecnologia os seres humanos possam resgatar o diálogo para a melhor troca e civilidade.

Para esse entendimento, Fromm²⁶ desenvolve a crítica ao processo ocidental de competição e mecanização iniciado com maior predominância no período industrial, e enaltece o papel da humanidade de procurar agregar à história uma tecnologia humanizada. Nesse sentido, aborda o horizonte possível, a reestruturação da vida social, econômica e cultural

[...] de maneira tal que estimule e intensifique o crescimento e a vivência do homem em vez de incapacitá-los, que ela ative o indivíduo em lugar de torná-lo passivo e receptivo, que nossas capacidades tecnológicas sirvam ao crescimento do homem. Para que seja assim, devemos recuperar o controle do sistema econômico e social; a vontade do homem, orientada pela sua razão e pelo seu desejo de vivência ótima, deve tomar as decisões.²⁷

Essa atitude de reestruturar as dinâmicas sociais envolve o comunicar educativo, aquele preocupado com a ponte entre sujeito ativo e processo educativo. Nos estudos tanto de Freire como de Fromm o debate é condição, mas como diálogo e não como espaço de disputa.

Em todo diálogo proveitoso, cada participante deve ajudar o outro a esclarecer seu pensamento em vez de obrigá-lo a defender formulações sobre as quais ele pode ter suas próprias dúvidas. O diálogo sempre subentende esclarecimento mútuo e muitas vezes até mesmo melhor compreensão do outro do que de si mesmo.²⁸

Por isso Fromm preocupa-se com o problema de a sociedade portar-se de forma defensiva, encarando o interlocutor, o outro, como inquisidor, interrogador, e, por muitas vezes, como antagônico e inimigo. A proposta do “permitir o acesso”, estar disposto à escuta, à atenção pela formulação do interlocutor, que também é sujeito e múltiplo, colabora num debate dialógico e proveitoso²⁹.

A troca negociada, experimentada na proposta do diálogo, deve também ter o equilíbrio entre os sujeitos interlocutores, para que possam contribuir com o conhecimento partilhado, no entendimento profundo de que ambas experiências e saberes são legítimos e carregam vida criativa em sua história.

Freire³⁰ ensina: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história”, razão pela qual há a esperança, desde a esperança na negociação construtiva até a esperança de que as estruturas do hoje concedam direitos equitativos para a balança da negociação, além da esperança no diálogo como via possível de processos educativos mais humanos, ativos e renovadores.

22 Ibidem.

23 PERUZZO, Cílicia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

24 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia...** Op. cit.

25 FROMM, Erick. **A revolução...** Op. cit.

26 Ibidem.

27 Ibidem. p. 107.

28 Ibidem. p. 121.

29 Ibidem. p. 121.

30 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a. p. 71.

3. REFLEXÃO-AÇÃO COMUNICATIVA NAS PRÁTICAS SOCIAIS MOBILIZADORAS E EDUCATIVAS

Ao trazermos as questões do diálogo enquanto tema gerador para refletirmos sobre o contexto brasileiro e situá-lo nas relações entre Comunicação e Educação, especialmente no âmbito da comunicação popular e comunitária, na práxis dos movimentos sociais populares, compreendemos que ele é algo presente, quase de forma natural, porque é a partir dele que são tecidas as formas de organização e de mobilização social.

Por outro lado, no conjunto da sociedade essa cultura dialógica não é predominante. Problematicamos, então, a ausência de agendamento midiático, em especial por parte dos grandes meios de comunicação e até das universidades, com conteúdo programático do ensino e da pesquisa, sobre a práxis de uma comunicação dialógica e da não violenta. Essa cultura coadunaria com os princípios freireanos na construção de uma sociedade democrática. Essa ausência no cenário político e ideológico brasileiro atual dá espaço à cultura do ódio por parte de segmentos da extrema-direita, o que dificulta o estabelecimento de uma cultura propícia ao diálogo³¹. Se, por um lado, a cultura da comunicação não violenta parece frágil no debate público, o seu contrário, os conteúdos de caráter violento repercutem, em especial no ambiente das mídias sociais digitais que, com a facilidade proporcionada pela internet, pessoas e grupos se esmeram na difusão de valores anticívicos, falsos, caluniosos e ofensivos, os quais, uma vez disseminados intencionalmente para ofender e difamar, além de antidialógico oposto, são de um autoritarismo unidirecional impostor e estimulador da exacerbação dos conflitos.

Contudo, a história registra que nada é permanente nem imutável, como mostra o fim da Ditadura Militar (1964-1985), que durou mais de duas décadas no País, mas que, na fase de sua superação, ensejou-se vivos processos dialógicos que possibilitaram novas formas de organização e de mobilização social cidadã pela democracia, que vale dizer, já nos anos 1980 e 1990, estavam imbuídos dos princípios de Paulo Freire e que muito alimentaram as milhares de experiências de comunicação popular, comunitária e alternativa então existentes nesse contexto³². Quando olhamos o momento histórico no qual vivemos, parece que essas experiências retrocederam diante de ambiente hostil numa sociedade cindida, porém, os movimentos sociais populares continuam, entre permanências, ressignificações e criação de novos atores. Nesse curso histórico, a sociedade civil vai dando os rumos dos reordenamentos cívicos, como mostram aqueles ocorridos a partir dos anos 1990³³, quando as categorias macroestruturais entram em refluxo e (re)emergem aquelas relacionadas ao cotidiano, cidadania, meio ambiente e igualdades identitárias, entre outras. Trata-se de um momento em que se sobressaem as organizações não governamentais e movimentos ligados à valorização da vida humana em suas diferenças e direitos, mas que também se fortalecem e se recrudescem as lutas do campo a partir do protagonismo da Comissão Pastoral da terra (CPT) e do MST. Enfim, há muitos elementos

31 Ver: SOLANO GALLEGGO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018; RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

32 Ver a documentação do Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/>.

33 Ver: GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

constitutivos desse momento histórico³⁴ do qual novos reordenamentos emergem nos anos seguintes. Inclusive, na última década, junto à permanência de movimentos sociais históricos, existe a (re)emergência do fascismo, que torna-se em nova frente de luta dos setores democráticos.

O contexto atual é desafiante e parece requerer a retomada das ideias de Paulo Freire, entre tantos outros autores, como uma luz para traçar caminhos construtores da transformação social. Afinal, as dimensões ontológicas do Ser não perdem a atualidade e, no fundo, é a partir delas que os movimentos populares cívicos, as universidades, setores progressistas das igrejas e tantas outras organizações civis, cidadãs e cidadãos marcam suas presenças inconformadas e, ao mesmo tempo, atuantes na transformação da realidade que oprime.

Nesse bojo, a Comunicação assume várias feições – da comunicação cara a cara, interpessoal e grupal àquelas mediadas pelas tecnologias, além de meios tecnológicos que concretizam formas de expressão em diferentes linguagens, difundem conteúdos e permitem interações, mas nos movimentos populares ela é essencialmente processo que se interconecta com a Educação. Como já foi ressaltado, as relações entre Comunicação e Educação, além de sua inserção na educação formal, conforme amplamente discutido por Citelli³⁵ e Soares³⁶, também se realizam nas dinâmicas dos movimentos sociais e têm sua base no diálogo e na construção coletiva, embora não estejam livres de conflitos de interesses.

Entretanto, ainda tratando do olhar crítico sobre a realidade, mas também sobre as práticas dos movimentos populares e organizações não governamentais, cabe lembrar que experiências de comunicação popular desenvolvidas nos anos 1970/1980/1990, conforme Valim³⁷ e Peruzzo³⁸, fizeram a diferença nas lutas sociais pelo avanço democrático, e que podem servir de inspirações para superar disputas, mesmo dentro de movimentos sociais, que acabam gerando conflitos em momentos nos quais talvez precisemos de mais diálogos na construção de objetivos cívicos comuns. Por outro lado, nessa dinâmica histórica, é animador a emergência do debate internacional do (re)pensar a história, em especial da América Latina, sobre a decolonização, ou descolonização, do saber e do poder, segundo Mignolo³⁹ e Souza Santos⁴⁰, processo que longe de realizar revisionismos históricos, busca compreender a ótica dos subalternizados durante os processos de exploração e as consequências que até hoje marcam esses espaços geográficos, sociais e ambientais. De certo modo, está em curso um movimento que tem como protagonistas movimentos comunitários, atores políticos, educadores e cientistas, visando recuperar dimensões culturais e de vivências em comunidades ancestrais para se fortalecer o diálogo e seguir na construção da decolonização de perspectivas do desenvolvimento capitalista ligado ao colonialismo. No fundo, Paulo Freire já apregoava perspectivas teóricas que coadunam com os princípios de decolonialidade, apesar de não usar este termo, quando defendia a conscientização e a transformação da sociedade em relação aos padrões de desenvolvimento condizentes à uma modernização desigual suscitada pelo imperialismo.

34 Ibidem.

35 Ver: CITELLI, Adilson Odair. *Comunicação...* Op. cit., p. 59-76.

36 SOARES, Ismar. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: CITELLI, Adilson O.; COSTA, Maria Cristina Catilho (org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 29.

37 VALIM, Ana. *A comunicação popular na construção e preservação da memória das lutas populares no Brasil (décadas de 1970-1980)*. Rio de Janeiro: Núcleo Piratinga de Comunicação; Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro, 2020.

38 PERUZZO, Cílicia Krohling. *Comunicação...* Op. cit.

39 Ver: MIGNOLO, Walter. *Desafios decoloniais hoje. Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

No nível das práticas sociais, há esforços de criar condições para o diálogo entre sociedade e Estado. Entre vários mecanismos, existem há décadas os Conselhos Gestores de Políticas Públicas e os Conselhos Tutelares, instituídos a partir da Constituição de 1988, que permitem a participação civil na definição de políticas públicas, a exemplo do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural da Cidade do Rio de Janeiro (CMDR-Rio), do Conselho Municipal do Segurança Alimentar Nutricional de São Paulo (COMUSAN), do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de Pernambuco (CEDCA/PE), e tantos outros, os quais resultaram de mobilização social com vistas à descentralização da administração pública e a instituição de mecanismos de participação popular. Os conselhos populares são mecanismos importantes de diálogo dos setores civis com o Estado nas definições de políticas públicas, por exemplo, ligadas à criança e ao adolescente, à política cultural, ao turismo, política indigenista, direitos da mulher, e o combate à discriminação, entre outros.

Em consonância com questões levantadas nas referidas palestras, ambas partem de experiências de diálogo no contexto de movimentos sociais, uma no México e outra no Brasil, tanto na história das últimas décadas do século passado e atualmente, os movimentos sociais populares desenvolvem a comunicação horizontal, portanto, realizada desde/para/com a comunidade. Nesse contexto, a questão do diálogo aparece não apenas como um conceito, mas também como um método, e Freire nos dá esse método: é um encontro de sujeitos mediados pelo mundo, conforme já explicitamos, portanto, não é possível entre a relação dialógica e a objetificação do outro com o qual/sobre o qual se fala.

Ainda no âmbito das iniciativas concretas, no contexto dos movimentos sociais no Brasil, a inclusão da dimensão do diálogo em Freire⁴¹, que ultrapassa a ideia das relações eu-tu sobre a filosofia do diálogo de Buber⁴², ou seja, de sua proposta de pensar as maneiras de falar: Eu-Tu; Eu-Isso como promotor da transformação. Para Paulo Freire, como enfatiza Lima V.⁴³, essas relações dialógicas não se restringem no nível interpessoal, pois diálogo para ele é ação social, é encontro em as pessoas, mediadas pelo mundo, voltados a transformar a realidade, ao mesmo tempo em que altera seu próprio processo cognitivo.

Exemplos desses sujeitos coletivos são o MST e o Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB)⁴⁴, que põem esse diálogo em prática, facilitado por processos de educomunicação, participação ativa dos seus membros, tanto no nível da educação informal e não formal quanto da educação formal. Assim, se constrói, paulatinamente, sentidos do comum, da conscientização à ação coletiva em benefícios de todos.

Ainda sobre os movimentos sociais, Freire inspira o pensar sobre as formas de conhecer e interpretar o mundo a partir de nossas próprias experiências que, partilhadas de maneira simples e humilde, transformam o mundo. Nesse sentido, cabe mencionar a transformação que os movimentos sociais LGBTQI+⁴⁵, importantes formas de lutas por direitos, ajudam a configurar sua história recente. Em seu princípio, por conta dos privilégios conhecidos historicamente na figura do homem branco heterossexual, o movimento foi construído com

40 SOUSA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Universidad de la República; Ediciones Trilce, 2010.

41 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Op. cit.

42 BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

43 LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. 2. ed. rev. Brasília, DF: UnB, 2011.

44 PERUZZO, Círcia Krohling; GABRIOTI, Rodrigo; BERTI, Orlando de Carvalho (org.). **Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil**. Teresina: Eduespi, 2022.

45 LGBTQI+ é uma sigla que significa lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, queers e outras identidades.

base em uma estrutura de poder que privilegiava a fala dos homens gays e brancos. Não por acaso, no início de suas reivindicações, quando se procurou um acrônimo representativo foi apelidado no país como Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), colocando o homem como evidência e sem visibilidade aos corpos e existências como de travestis, transsexuais, intersexos, bissexuais e não binários⁴⁶. Aos poucos, foram se fortalecendo as diferenças, a partir da compreensão das distintas realidades, sendo o diálogo uma força motriz para a construção deste processo de alteridade.

Em perspectiva correlata estão os movimentos sociais negros, que cada vez mais lutam para acabar com as injustiças e opressão dentro da sociedade excludente da qual as pessoas negras são vítimas. O diálogo, antes de homogeneizar, serve para a compreensão da diversidade e dos direitos das pessoas em suas diferenças, portanto, trata-se de um diálogo plural, que respeita de lugar de fala Ribeiro⁴⁷, que longe de silenciar a maioria, pretende chamar a atenção para as existências silenciadas e amordaçadas, nas diversas instâncias sociais, inclusive dentro dos próprios movimentos. Assim, esses movimentos reivindicam a extirpação do mutismo e da cultura do silêncio⁴⁸.

Desse modo, o diálogo só pode ser estabelecido se houver o reconhecimento e respeito às diferenças, o diálogo não é extensão, é intercomunicação.

Outro aspecto relevante quando se fala de diálogo é sua relação com a humildade e com a capacidade de escuta. Em geral, a dificuldade de se estabelecer o diálogo pode decorrer da maneira de falar, de expressar e de se comportar de alguém, pois a linguagem verbal, gestual e corporal pode gerar barreiras à comunicação. O diálogo, no entanto, é uma escolha ética que passa também pelo desejo de ser entendido (e falar de modo simples) ou de ser incompreendido (e ser prolixo). Então, há necessidade da humildade nas relações grupais e da capacidade de escuta como forma de reconhecimento do saber do outro, são caminhos facilitadores da troca de saberes e da construção do conhecimento coletivo.

Ainda sobre a necessidade de escuta, basta lembrar que, como já mostramos nas próprias palavras de Freire⁴⁹, o diálogo não é mera enunciação ou intercâmbio de ideias. Ele implica em reciprocidade, no direito de ser ouvido e de falar, enfim, de comunicar. É preciso entender que as pessoas leem o mundo através de suas experiências cotidianas, do seu chão e do seu repertório cultural.

4. O DIÁLOGO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A construção do conhecimento possui diversos aspectos e características que podem favorecer o diálogo e consecutivamente o processo de ensino-aprendizagem que se dá na interface dos campos formal, informal e não formal. Em algumas metodologias, longe de ser apenas um adendo, trata-se do cerne de sua lógica, como é o caso das pesquisas realizadas *in loco*, tendo os sujeitos como participantes ativos do processo de construção do conhecimento. Por meio

46 CONNELL, Raewyn. Usando a teoria do sul: descolonizando o pensamento social na teoria, na pesquisa e na prática. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1. p. 87-109, 2017.

47 RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

48 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Op. cit., p. 108.

49 *Ibidem*.

da participação dos investigados no processo de pesquisa, é possível encontrar resoluções distintas daquelas que se encontraria caso se escolhesse o caminho solitário da reflexão, a conhecida “antropologia de gabinete”.

Como afirma Paulo Freire, a perspectiva do diálogo parte do princípio de estarmos junto do povo, sem tratar os oprimidos “como objetos, como quase ‘coisas’”⁵⁰, já que com essa atitude estaríamos reproduzindo o modelo opressor, aquele que não liberta e não promove a liberdade.

A matriz epistemológica oferecida por Freire parte do princípio de que a construção do conhecimento não se dá apenas no âmbito acadêmico, logo, o pesquisador não é aquele que detém a verdade frente aos demais, incluindo nesse contexto os sujeitos que serão encontrados no desenvolvimento da pesquisa. Parte também da perspectiva de que o conhecimento possui várias formas e que os saberes são compartilhados em diversas esferas e que, para se fazer útil, o diálogo deve partir da realidade que circunda o oprimido, em vez de se buscar formas outras às quais os sujeitos não estão familiarizados.

Essa postura aponta para o(a) pesquisador(a) a necessidade de se despir de sua imaginária toga, de pisar o chão daqueles que o usam como forma de existência, chão pelo qual se constrói uma realidade complexa e com diversos saberes aos quais muitas vezes a ciência não apreende.

O diálogo, portanto, é a ferramenta essencial para se fazer entender, mas principalmente para entender a realidade que envolve os sujeitos que compõem, junto do(a) pesquisador(a), o saber que se busca. A prática da dialogicidade é essencial para essa forma de buscar conhecer o mundo. Daí a afirmação de Freire⁵¹:

Àqueles que se comprometem autenticamente com o povo é indispensável que se revejam constantemente. Esta adesão é de tal forma radical que não permite a quem a faz comportamentos ambíguos. Fazer esta adesão e considerar-se proprietário do saber revolucionário, que deve, desta maneira, ser doado ou imposto ao povo, é manter-se como era antes. Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de comungar com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco. Aproximar-se dele, mas sentir, a cada passo, a cada dúvida, a cada expressão sua, uma espécie de susto, e pretender impor o seu status, é manter-se nostálgico de sua origem. Daí que esta passagem deva ter o sentido profundo do renascer. Os que passam têm de assumir uma forma nova de estar sendo; já, não podem atuar como atuavam; já não podem permanecer como estavam sendo.

Outro elemento que nos chama atenção na perspectiva freireana é a humildade, como já discutido, como princípio para a construção do diálogo e, consecutivamente, na geração do conhecimento. Como aponta o autor, a autossuficiência não faz parte da proposta dialógica e quando o diálogo é alcançado “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comum, buscam saber mais”⁵².

Quando atrelamos essa perspectiva aos olhares de metodologias como pesquisa-ação, participação observante e pesquisa participante⁵³ não encontramos

50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Op. cit. p. 30.

51 Idem. *Extensão...* Op. cit.

52 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Op. cit., p. 52.

53 PERUZZO, Círcia Krohling. Investigación-acción. Una introducción a la epistemología y al método. In: GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Círcia Krohling (org.). *Arte y oficio de la investigación científica: cuestiones epistemológicas y metodológicas*. Quito: Ciespal, 2019. p. 497-517.

um desencontro, pelo contrário, observamos que sem o diálogo esses processos metodológicos não possuem a capacidade de fazerem-se.

Essas metodologias possuem em seu núcleo comum a compreensão de que sujeitos não são objetos, inclusive estando eles dentro de um contexto científico e acadêmico. Compreende-se que, além de serem cognoscentes, podem e devem interagir dentro do espaço da construção do conhecimento, não sendo apenas o resultado da pesquisa o objetivo final⁵⁴, mas sim as reverberações que se espalham pelo chão pisado e pesquisado.

Ao fazer um panorama sobre a pesquisa participante, tendo a década de 1980 e início da de 1990 como destaque, já que foi neste período que essas metodologias começam a se disseminar no campo da comunicação. Peruzzo⁵⁵ aponta essa semelhança entre os processos, assim como a centralidade nos sujeitos:

[...] a preferência é pela participação ativa do investigador que é definida como pesquisa participante, mas também identificada como pesquisa-ação, pesquisa militante ou pesquisa ativa. É que existem estilos ou estratégias metodológicas distintas de investigação. Embora todas sejam participativas, algumas privilegiam a observação, outras o envolvimento (pouco ou muito intenso) do pesquisador nas atividades do grupo investigado, e ainda há aquelas pesquisas que favorecem a participação ativa dos investigados na realização da pesquisa.

Como se estabelecer, portanto, a participação ativa sem que haja o uso do diálogo como ferramenta de mediação? Como compreender as demandas que se apresentam no campo da pesquisa, sem adentrar nos meandros das situações investigadas quando se quer entender os processos que lhes constituem?

A comunicação tem em sua base o ato de tornar comum, assim como o diálogo busca aproximar as pessoas por meio da “troca” de saberes e experiências sem barreiras para que não acabem por transformá-lo em uma simples reprodução da opressão. Desse modo, podemos dizer que o diálogo está para as pesquisas participantes assim como a liberdade está para a não opressão. São intrínsecos e necessários para um verdadeiro caminhar em torno da libertação e da construção do conhecimento. São essenciais também para o reconhecimento do próprio mundo que buscamos transformar. Já que “existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras”⁵⁶.

Para tanto, o diálogo em Freire coopera autenticando o saber do outro e o incorporando às práticas de ação-reflexão, assim como promove a liberdade quando imbuído de ética e corresponsabilidade coletiva no fazer pesquisa participante, construindo e transformando-se no processo de produção e investigação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto, é possível afirmar que as relações entre Comunicação e Educação facilitam a constituição do diálogo, tanto nos ambientes da educação formal quanto no contexto dos movimentos sociais populares brasileiros que,

54 PERUZZO, Cílicia Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. *Estudios sobre las Culturas Contemporâneas*, Colima, v. 23, n. esp. 3, p. 161-190, 2017.

55 *Ibidem*. p. 172.

56 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Op. cit., p. 50.

desde o fim da década de 1970, vivenciam o diálogo, tanto na construção coletiva das suas formas de organização e mobilização quanto na formulação das estratégias e táticas desenvolvidas tendo em vista as lutas denunciativas da opressão e reivindicativas de direitos. Em outros termos, o diálogo é uma questão transcendental e indissociável às práticas educativas. O diálogo pode ser entendido como ação-reflexão que valoriza a participação dos sujeitos – como sujeitos – na construção do conhecimento.

As dificuldades apresentadas pela complexidade das relações sociais atuais, problematizam o diálogo como método, como discutimos no artigo, entretanto, as propostas de inserção do diálogo nas práticas no âmbito do ensino-aprendizagem e da pesquisa participante, bem como na práxis da comunicação popular e comunitária, contribuem para humanizar os processos, valorizar o outro saber e os tantos outros saberes que se dinamizam no cotidiano cultural.

Outra questão dialogada no texto é a importância do comunicar-se respeitoso, legitimando a ética da convivência para o imperativo do estar em comum. Quando entendemos a importância de saber sobre o outro, como ele se vê e se identifica, podemos inclusive colaborar na geração da consciência sobre sua realidade e o mundo. A ação-reflexão nessa lógica da conscientização também proporciona amparo para processos de transformação social, além de mediar os saberes envolvidos, como legítimos e ativos, inclusive durante a produção de conhecimento científico no campo, como no caso das metodologias participativas que têm em seu cerne a lógica freireana do diálogo.

O diálogo, em Freire, também resulta de décadas de práticas investigativas à luz de virtudes humanas, como humildade, amor, autonomia, bom-humor, respeito e esperança. Lembrá-las e fomentar estudos contemporâneos que possam suscitar seus intercâmbios com a comunicação pode contribuir na ampliação da cidadania, seja nas salas de aula – como docentes –, na academia – como pesquisadores –, seja nos movimentos sociais – como comunicadores populares – e, muitas vezes, na prática comunitária em ambientes diversos, como interlocutores de práticas no exercício do dever cívico de constituição de uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação contemporâneas. *In*: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-76.
- CONNELL, Raewyn. Usando a teoria do sul: descolonizando o pensamento social na teoria, na pesquisa e na prática. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1. p. 87-109, 2017.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FROMM, Erick. **A revolução da esperança**: por uma tecnologia humanizada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GOHN, Maria da Glória (org.). **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura**: as ideias de Paulo Freire. 2. ed. rev. Brasília, DF: UnB, 2011.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

PAULO FREIRE é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo. **Instituto Paulo Freire**, São Paulo, 8 jun. 2016. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/463-paulo-freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em: 20 maio 2021.

PERUZZO, Cílicia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cílicia Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, Colima, v. 23, n. esp. 3, p. 161-190, 2017.

PERUZZO, Cílicia Krohling. Investigación-acción. Una introducción a la epistemología y al método. *In*: GONZÁLEZ, Jorge A.; PERUZZO, Cílicia Krohling (org.). **Arte y oficio de la investigación científica**: cuestiones epistemológicas y metodológicas. Quito: Ciespal, 2019. p. 497-517.

PERUZZO, Cicilia Krohling; GABRIOTI, Rodrigo; BERTI, Orlando de Carvalho (org.). **Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil**. Teresina: Eduespi, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SIMMEL, George; MOARES FILHO, Evaristo de (org.). **George Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. *In*: CITELLI, Adilson O.; COSTA, Maria Cristina Catilho (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 13-29.

SOLANO GALLEGO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Universidad de la República; Ediciones Trilce, 2010.

TALK 1: dialogue. **Paulo Freire Centennial**, London, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/videos/>. Acesso em: 26 maio 2021.

VALIM, Ana. **A comunicação popular na construção e preservação da memória das lutas populares no Brasil (décadas de 1970-1980)**. Rio de Janeiro: Núcleo Piratinga de Comunicação; Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro, 2020.

VEIGA, Edison. Paulo Freire: como o legado do educador brasileiro é visto no exterior. **BBC News Brasil**, Bled, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46830942>. Acesso em: 20 abr. 2021.